



INSTITUTO PORTUGUÊS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

OCCASIONAL PAPER N.º 53

A CONFERÊNCIA DE SEGURANÇA DE MUNIQUE

*Patrícia Daehnhardt,
IPRI-UNL*

06 | Fevereiro | 2012

A Conferência de Segurança de Munique que se realizou este fim-de-semana e que reuniu mais de 350 personalidades políticas internacionais, terminou com uma grande desilusão e uma pequena esperança. Contrariamente ao que tinha dado a entender ainda na véspera, a Rússia, juntamente com a China, vetou, no sábado, uma resolução do Conselho de Segurança da ONU que condenava o regime sírio. Mais uma vez, estes dois países, membros permanentes do Conselho de Segurança, mostraram-se inflexíveis no entendimento do conceito de soberania política e na rejeição do novo princípio da Responsabilidade de Proteger. A indignação do mundo ocidental e da Liga Árabe não se fez esperar e não se ficou por críticas nos corredores da conferência. A condenação foi unânime. A Prémio Nobel da Paz, a iemenita Tawakkul Karman, foi entusiasticamente aplaudida quando, sem rodeios, criticou Moscovo e Beijing: «A estes dois países cabe a responsabilidade humana pelo massacre. Em nome da juventude árabe, eu condeno a atitude desses dois países. Ambos suportam o regime criminoso de Bashar al Assad». O primeiro-ministro tunisiano, Hamad Jebali, afirmou que não se poderia falar na «construção de um novo Médio Oriente» se não existir uma base sólida de democracia, liberdade e

justiça e pediu aos colegas o corte de relações diplomáticas com Damasco. Também o ministro dos negócios estrangeiros, Ahmet Davutoglu, criticou os duplos vetos: «Já não queremos a lógica da Guerra Fria no sistema internacional mas infelizmente foi exactamente isso que vimos no Conselho de Segurança». Várias vozes apelaram à retirada de pessoal diplomático da Síria e ao reforço das sanções. O Conselho Nacional da Síria, em comunicado, considerou a Rússia e a China responsáveis pela «escalada do genocídio» ao concederem ao regime «uma licença para matar».

Vários governos ocidentais indicaram que iriam recorrer a medidas adicionais fora do contexto da ONU para apoiarem o derrube do regime sírio e a transição política. Hillary Clinton, secretária de Estado norte-americana, apelou a uma maior coordenação da assistência internacional à oposição síria. A Alemanha e a França apelaram à criação de um «grupo de contacto internacional» para a Síria, onde, segundo o ministro dos negócios estrangeiros alemão, Guido Westerwelle, a Turquia e a Liga Árabe deveriam desempenhar um papel central. Westerwelle deixou ainda em aberto a hipótese de um novo regresso ao Conselho de Segurança para a adopção de uma nova resolução. Mas depois do que se passou em Nova Iorque este fim-de-semana, poucos acreditam que a visita do ministro dos negócios estrangeiros russo, Sergei Lavrov, a Damasco esta semana ainda consiga alcançar uma mudança, na atitude do regime sírio ou na posição russa. O calendário eleitoral nos EUA e na França, ambos com eleições presidenciais em Abril e Novembro deste ano, respectivamente, também não ajudam e perante a improbabilidade de uma intervenção militar internacional na Síria, pouco mais a comunidade internacional irá fazer. Entretanto, a repressão do povo sírio continua, e será a mancha negra da Primavera Árabe, que esta semana celebra o seu primeiro aniversário.

Apesar de tudo, esta posição unânime entre o mundo ocidental e a Liga Árabe pode representar uma pequena esperança. A conferência serviu de palco para demonstrar que o mundo ocidental e os 21 países da Liga Árabe, conseguiram falar a uma só voz ao condenarem não apenas as acções do regime sírio mas ao criticarem unanimemente os vetos da Rússia e da China. Este consenso é já representativo daquilo que se denomina de comunidade internacional e pode significar que neste panorama de redefinição de posições internacionais que a Primavera Árabe despoletou, o Médio Oriente esteja a atingir um *momentum*, que sirva de catalisador para a convergência de posições entre dois mundos até há pouco tempo em campos opostos. Num sinal que seria importante para a Síria, e que, talvez, não seria de todo de excluir para o Irão.